Nathalie du Pasquier: Uma arte encantada com os objectos que colocamos no mundo.

por José Marmeleira

A primeira exposição de Nathalie du Pasquier em Portugal corresponde a duas aparições. Nas paredes da sala da Kunsthalle Lissabon, estão dois conjuntos distintos de peças. Num dos lados, vêem-se desenhos a preto e branco, cinzento e branco, feitos a lápis, e discretamente emoldurados. Formam, pela sua sobriedade nebulosa, quase apagada, um contraste evidente com os restantes trabalhos: três caixas no interior das quais se revelam volumes, objetos, superfícies pintadas com várias cores. Collezione Private, eis o nome da individual da artista francesa (residente em Milão desde 1979), repousa sobre relações.

Relações entre a bidimensionalidade e a tridimensionalidade, a imobilidade das molduras e a portabilidade dos objetos (as caixas são, também, malas de viagem), entre o cinzento do desenho e as cores que que se manifestam nas composições que as caixas resguardam. Mas há algo que une os dois conjuntos: um apreço pelas coisas pequenas, um encantamento com os objetos de uso, um interesse cultivado pelo design.

O trabalho de Nathalie du Pasquier não é o de uma mera fabricadora ou produtora. É uma artista e, por isso, aquilo que mostra em público, que faz aparecer, abrindo as malas ou expondo na parede, são objetos artísticos, não de uso. Isto não significa que esse encantamento tenha desaparecido, apenas que, por meio de um pensamento em torno da representação do espaço e da perspetiva, da geometria e do plano, se transfigurou. Importa considerar o percurso da artista. Mulher autodidata, viajou para Africa com apenas 18 anos, tendo descoberto, em países como Gabão, uma arte urbana, popular, híbrida, artesanal. Começou por se interessar pela pintura de letreiros, que via nas ruas do país, antes de trabalhar no desenho de têxteis. Ao fim de alguns anos, regressaria a Paris, mas, insatisfeita, rumou a Itália e, após breve passagem por Roma, estabeleceu-se em Milão. Nesta cidade, redescobriu o modernismo, fascinada com desenho dos edifícios e das construções, e a ausência de hierarquias entre os estilos arquitetónicos. Entusiasmavam-na as possibilidades que a decoração oferecia (para lá mera funcionalidade), e acabou por ingressar no famoso coletivo de designers italiano Memphis, onde teve a oportunidade de condensar, e pôr em prática, saberes e memórias (no âmbito dessa atividade, viria a desenhar mesas, camas, têxteis, tapetes e objetos de louça).

A partir de meados dos anos 80, foi abandonando o design, movida pela curiosidade que lhe despertava a dimensão conceptual da arte e, sobretudo a pintura. Redescobre a arte medieval, os frescos italianos do Renascimento, revisita as obras de Giorgio De Chirico, de Giorgio Morandi, entre outros artistas italianos dos inícios do século XX, confronta-se com a fotografia de Thomas Demand.

Os objectos, antes coisas funcionais e decorativas, eram agora presenças, estabeleciam relações com as molduras, com o espaço, com o desenho. Eram ou podiam ser pinturas, colagens ou esculturas. Volte-se às caixas que a artista abriu em Lisboa. A uma corresponde o coração, a outra a cabeça e a outra, as pernas, mas o espectador não vê uma representação aproximada de tais partes do corpo. Pode quando muito intuir sentidos, projectar significados. Associar o vermelho que cobre uma caixa ao coração, imaginar uma cidade, janelas, ombreiras, interiores domésticos, objectos de mobiliário. A arte de Nathalie du Pasquier permanece ligada à vida mais prosaica, ao mundo, às cidades. Há uma informalidade e uma vibração indesmentíveis que surge das cores, dos volumes, dos planos,

das linhas. Cada peça é uma realidade que se abre tanto à experiencia óptica como à experiencia háptica. Há volumes que não são volumes, fundos que são afinal superfícies, objectos que formam planos.

Geométrica, esta arte não esconde as imperfeições. A artista reutiliza materiais de outros trabalhos, reciclando-os, reintegrando-os, colando-os. E esse modo de fazer permite ao espectador confirmar a presença das mãos, a indefinição das cortes, os detalhes, as irregularidades dos paralelepípedos ou dos cubos. Como se o pudor elegante e definido das formas coexistisse com uma despreocupação generosa. Nathalie du Pasquier encanta-se com a geometria, com a beleza das cores, com as ilusões da perspectiva, com as escalas do espaço pictórico, mas não abandona o artifício humano que está na base dos seus objectos artísticos.

O conjunto inédito de desenhos, Stanze Grigie per Lisbona, retoma elementos habituais: grelhas, padrões, volumes, alguns dos quais compõem construções arquitectónicas ou mesmo cenas, palcos, vistas, superfícies de edifícios. A alusão à cidade retorna, enquanto o espectador observa formas desenhadas, e silenciadas, sobre papel, produtos de um deleite que as sombras, os relevos e os contornos, despertaram na artista. Traçadas com o lápis, fixam, reificam, com um melancolia discreta, a beleza das coisas modestas, resgatam, sem timidez, mas com uma distância que é a do artista, o moderno encantamento com as formas dos objectos duráveis. Não têm as cores (ou o efeito de trompe-l'œil) que cada caixa desvela, mas relevam da mesma intimidade. A da relação das pessoas com as coisas que elas colocam no mundo.

Sobre o autor

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia

+ info:

Nathalie du Pasquier

Kunsthalle Lissabon

https://contemporanea.pt/MARCOABRIL2017/13/